

SELLA, Aparecida Feola; BUSSE, Sanimar. Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: línguas e falares em contato em áreas de fronteira do Oeste e Sudoeste do Paraná. In.:ALTINO, Fabiane Cristina (Org.) **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera.Londrina: Midriograf, 2012.

Aparecida Feola Sella é doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho e atua como professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Sanimar Busse é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina e professora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Este estudo está relacionado ao Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas*: um estudo da relação do português com línguas em contato – doravante CAL. Analisa as questões referentes às localidades de Guaíra e Santo Antônio do Sudoeste, nas quais se nota a presença de crenças norteadas pelo contexto de fronteira. Foram selecionados recortes de depoimentos de informantes do sexo masculino, entre 41 e 56 anos, no intuito de verificar a noção de prestígio linguístico nas comunidades em questão. O texto foi dividido em duas partes: a primeira consiste na fundamentação teórica que serve de base para as hipóteses levantadas e a segunda conta com os recortes mais significativos para a defesa da hipótese apresentada.

Sella e Busse aferem que os falantes em situação de contato linguístico tendem a avaliar o outro segundo, também, a forma como esse fala. Citando Lambert e Lambert (1966), afirmam que atitude é uma forma de pensar, sentir e reagir no que diz respeito à relação para com pessoas, grupos e, ainda, questões sociais. As autoras assinalam que as crenças e atitudes linguísticas são ativas no processo de mudança linguística.

As classificações entre formal/informal, padrão/coloquial são escolhas norteadas segundo noções de prestígio social, são, pois, motivadas nas interações sociais. Essas oposições não são estáticas, mas flexíveis, consoante a dimensão que as atitudes podem alcançar, como afirmam Sella e Busse fundamentadas no linguista Tarallo. Elas ilustram com um panorama da realização da vibrante velar como tepe – traço fonético representante dos falantes de origem sulista – e retroflexa – traço fonético representativo dos falantes de origem paulista e mineira – nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná.

Assinalam, assim, o conceito de vitalidade etnolinguística, permeadas por Fishman (1999), o que situa como a capacidade que determinado grupo tem para

sobreviver com seus traços distintivos entre um cenário intergrupal segundo, especialmente, aos fatores de ordem social. A fim de ilustrar, as autoras citam um estudo de Aguilera (2008) no qual um informante do sexo masculino, com nível superior de escolaridade e pertencente a faixa de 50 a 65 anos, se coloca como “defensor do purismo linguístico de sua comunidade de fala”, demonstrando segurança linguística. As autoras defendem, então, que é justamente esse processo de segurança/insegurança linguística que atua no conceito de vitalidade da língua.

Corroborando com os pensamentos de Calvet (2007) de que as línguas são produto da prática dos falantes, as autoras confirmam a existência de sentimentos linguísticos estabelecidos através de experiências de fala. Comentam, ainda, que muitos dos informantes avaliam o próprio falar e o do outro segundo a concepção de que já uma língua padrão a ser seguida.

Como o contexto é essencial para a verificação das crenças e atitudes linguísticas, as autoras apresentaram um panorama a respeito da formação das localidades. Consideram, pois, que a posição geográfica e as relações sociais mantidas entre os falantes norteiam as relações linguísticas.

Para esclarecer tal assunto, as autoras expõem exemplos incisivos para a ilustração da hipótese proposta, apresentando uma leitura prazerosa e rica em conhecimentos úteis para pesquisadores e alunos da área de Letras e Linguística. Eles reforçam o plurilinguismo resultante do povoamento das localidades em estudo. Falantes de dialetos de alemão, italiano, português brasileiro, castelhano e guarani estão construindo uma realidade linguística capaz de colocar a região oeste paranaense como um espaço de línguas e culturas em contato.

As autoras verificaram, assim, que a noção de estigma é recorrente na região analisada, contudo, há uma aceitação inerente ao sentimento de trocas e experiências. O estudo foi capaz de ilustrar, de forma clara e objetiva, a forma como os informantes lidam com as diferenças linguísticas e de que forma suas crenças e atitudes atuam na convivência.

O artigo é bastante elucidativo, pois aborda de forma clara e objetiva uma temática muitas vezes tratada de forma abstrata por outros estudiosos da língua. As autoras utilizam bastantes exemplos, tornando mais palpáveis suas afirmações e observações, além de se fundamentarem em estudos de referência ao meio linguístico.

Assim, esse texto é recomendado a todos os interessados em estudos linguísticos, desde iniciantes até aqueles em estágio um pouco mais avançado, pois, as autoras foram capazes de condensar informações riquíssimas em um texto com linguagem bem acessível.

Dayse de Souza Lourenço, mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Contato: dayse.lourenco1990@gmail.com